# Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VI • nº 236 • Uberaba/MG • de 24 fevereiro a 2 de março de 2003

# Cores da alma

**Artista dribla deficiência visual e usa as mãos para reproduzir na tela seu universo mental**

págs. 6 e 7

Sociedade

## Palestra debate responsabilidade social

pág. 3

Guerra no Iraque

## Estudantes e professores discutem razões do conflito

págs. 4 e 5

issuu-downloader.com

## Editorial

# Pela paz mundial

Em *Rosa de Hiroshima,* o cantor Ney Matrogrosso, ainda integrante do Secos & Molhados, uma banda performática surgida nos início dos anos 70, reativou os pensamentos humanos a cerca das temidas armas nucleares.

A música é na verdade um poema de Vinícius de Morais – *A Rosa de Hiroshima* e a letra da canção faz referência ao terrível episódio de 6 de agosto de 1945 no Japão - a explosão da bomba atômica em Hiroshima durante a Segunda Guerra Mundial.

**A guerra, não cria poder, não desfaz ideologias e nem eleva soberanos. A guerra mata, fere e humilha**

Quando escreveu " … a rosa radioativa estúpida e inválida", o poeta talvez não imaginasse que passados tantos anos, o mundo mais uma vez está atento a um possível conflito que coloca em risco a segurança de milhões de inocentes. E como a evolução dos armamentos nucleares superou a evolução dos conceitos antiguerra, é impossível prever o futuro.

O Jornal Revelação desta semana, além de trazer informações sobre os conflitos entre americanos e iraquianos, pretende criar uma nuvem de esperança entre todos os cidadãos para que juntos, de alguma forma, intercedam a favor de um *Não à Guerra.*

Ao longo das décadas, o clarão silencioso que iluminou os céus de Hiroshima ainda tem seus fragmentos cravados na alma de inúmeros inocentes. A guerra, não cria poder, não desfaz ideologias e nem eleva soberanos. A guerra mata, fere e humilha.

Mesmo que as diferenças geográficas sejam notórias, existem artifícios para que cada um de nós , tenha em mãos a "arma da paz". Então que sejamos um batalhão de homens e mulheres, jovens, crianças e idosos, unidos na mesma artilharia e com o mesma proposta – Defender o território Global e vencer o inimigo, *a Guerra.*

A batalha pode ser árdua, mas o resultado é recompensador. Iniciemos então o desarmamento dos conceitos hipócritas e tenhamos sempre o mesmo sonho, " Um dia as rosas hão de vencer as armas" , e se for necessário esperar longos períodos existe a esperança de que "Os sonhos não envelhecem".

## Agenda cultural

**• Bar Archimedes**
Quinta-feira 27/02 – Banda Dibadá
Sexta-feira 28/02 – Banda Prisma
Sábado 01/03 – Banda Prisma
Segunda-feira 03/03 - Banda Prisma

**• Cebola**
De quarta a domingo musica ao vivo

**• Muchen**
Terça feira 25/02 – Hebert : acústico
Quarta feira 26/02 – Denilson e Daniel
Quinta feira 27/02 – Grito de Carnaval: Rodrigo e Alexandre e Flávio e Henrique
Sexta-feira 28/02 – banda kalahari
Sábado e domingo - sem programação , funcionará normalmente

**• Mário choperia**
Feijoada aos sábados
Exposição de fotos dos casarões antigos de uberaba, muitos deles já demolidos; fotos do fotógrafo marujo
Título da exposição: uberaba de outróra - ficará até o dia 28/02

**• Pró house**
Sexta-feira

**• Resumo da ópera - nda**
Sexta-feira

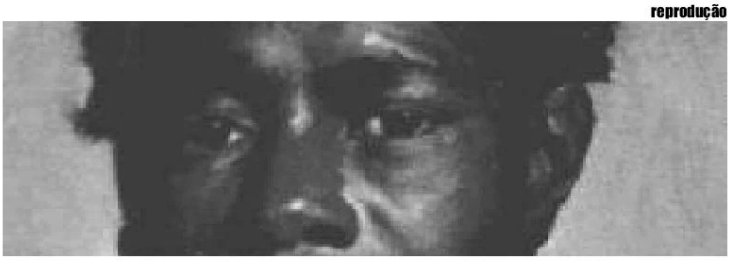
**• Recanto da praça (universitário)**
Quinta-feira 27/02 – gustavo lopes e banda
Sexta-feira 28/02 – skina ii
Sábado 01/03 – kgb
Domingo 02/03 – • aldemar e majaca

**"Os pequenos atos que se executam são melhores que todos aqueles grandes que se planejam"**
**(George Marshall)**

## Artigo

# Preconceito às avessas

reprodução



**Fernando Machado**
**6º período de Jornalismo**

Falar de preconceitos costuma ser um terreno escorregadio, arenoso. A única afirmação que se pode fazer com toda certeza é a de que qualquer preconceito é estúpido por natureza. Dois fatos recentes referentes ao preconceito contra os negros andaram levantando polêmicas ultimamente em todo o país: a reserva de cotas para negros e pardos na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e a lei 10.639/03, sancionada pelo presidente da República, que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, da rede oficial ou particulares.

**Quanto a reserva de cotas para negros, nem é necessário dizer que tal situação humilha o negro, ao invés de beneficiá-lo realmente**

Esses dois fatos mostram uma coisa ainda pouco discutida: o preconceito como forma de defesa de um preconceito. É de se esperar que negros rejeitem a discriminação que recebem dos brancos de forma idêntica, criando preconceitos contra eles.

As "panelinhas" de brancos serão inevitáveis nas salas de aula da Uerj. Assim como será inevitável que os negros não se voltem contra os brancos. Como filho de seu tempo e herdeiro cultural das gerações passadas, todo brasileiro nasce machista, racista, entre uma série de outras coisas, boas e ruins. É assim que somos educados e é assim que educamos. De tão profundamente cravados em nossa alma, esses preconceitos criaram discriminações também das partes discriminadas, gerando assim a guerra.

Um armistício seria a melhor opção. Para começar, que tal banir (juntamente com as piadinhas preconceituosas sobre negros) aquelas camisetas com a frase escrita em letras garrafais: "100% negro". Ora, não se pode ser, no Brasil, totalmente branco nem totalmente negro. Até os de pele branca trazem nas veias o sangue de índios e outros povos. Outra coisa boa a se fazer, seria que os negros deixassem de exigir ser chamados de negros e não de pretos. É natural dizer preto, como é natural dizer branco. Nunca vi branquelo nenhum exigir ser chamado de alvo. É a mesma coisa.

Quanto a reserva de cotas para negros, nem é necessário dizer que tal situação humilha o negro, ao invés de beneficiá-lo realmente. Melhor seria que minorias e maiorias recebessem educação de qualidade, independentemente de seu poder econômico.

E a medida compulsória, e forçada, de ensinar separadamente a história afro-brasileira nas escolas –além de renegar a história de outros povos que contribuiram na formação de nossa nação, tais como índios, japoneses, libaneses, etc- lembra uma velha historinha: a do homenzarrão de quase dois metros de altura que processou o circo porque não o aceitaram para a vaga de anão.

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953
http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores



issuu-downloader.com

Sociedade

# Consumidores querem empresas com responsabilidade social

## Empresários devem favorecer desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da comunidade

André Azevedo
3º período de Jornalismo

Há alguns anos, a idéia de responsabilidade social vem chamando a atenção de empresas, profissionais de comunicação e da sociedade organizada. No entanto, muitos ainda têm dúvidas a respeito dos conceitos dessa nova atitude empresarial, assim como parece ainda não estar claro os benefícios reais dessa postura – seja para o empresário, seja para a sociedade.

Para esclarecer alguns pontos principais, a gerente de marketing da TV Integração, Mônica Melo, ministrou uma palestra para estudantes de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube). A palestra foi realizada na noite de 20 de fevereiro, no anfiteatro da Biblioteca Central, e contou com mais de cem alunos. Mônica esclareceu que responsabilidade social não é um conceito isolado, pois está interligado com desenvolvimento sustentável, preservação ambiental, distribuição de renda, educação e qualidade de vida.

A palestrante explicou que o termo se refere a uma forma de gestão empresarial onde o conjunto de ações em todas as áreas da empresa é baseado no princípio da ética nas relações e no compromisso em promover o desenvolvimento sustentável da sociedade. "A empresa não é só responsável pelo seu público direto, mas por toda uma cadeia que inclui funcionários, acionistas, clientes, fornecedores, suas famílias e a comunidade em geral".

**"Não adianta a empresa doar um milhão para uma campanha e não cuidar da condição de trabalho de seus funcionários"**

No entanto, ela considera um erro traduzir essa preocupação social com ações isoladas. "Não adianta a empresa doar um milhão para uma campanha e não cuidar da condição de trabalho de seus funcionários. Há uma série de conceitos para defini-la como empresa de responsabilidade social."

Para quem diz que resolver questões sociais não é coisa de empresário, mas de governo, Mônica rebate afirmando que um país só tem jeito se a sociedade participar intensamente, pois governo nenhum dá conta sozinho. "A sociedade que participa ativamente tem mais poder de cidadania. Como cidadãos, podemos sempre participar de associações, ONGs, conselhos municipais, etc. Tem muita coisa boa acontecendo na frente da gente, e muitas vezes a gente não está nem aí". As empresas também dispõem de muitas alternativas para cumprir seu papel social – tais como a criação de institutos, fundações e programas especiais. Para ela, "não há desculpa para quem cruza os braços e fica esperando que outros resolvam os problemas do país".

A palestrante observou que a relação com os fornecedores é um exemplo de como a empresa pode atuar para garantir melhorias sociais. Ela citou, como mau exemplo, o recente caso da Nike, que foi duramente criticada e viu suas ações na bolsa despencarem quando a imprensa descobriu que a multinacional comprava material de um fornecedor asiático acusado de utilizar mão-de-obra escrava. "A empresa socialmente responsável deve fiscalizar, pressionar os fornecedores e dizer: – *se você não for ético, não respeitar leis trabalhistas, não compramos de você.* Olha só o poder! É mais forte que governo."

Os consumidores também têm enorme força para exigir ética dos empresários. "Temos o poder de não comprar produtos e serviços de empresas que não mantêm uma postura de responsabilidade social." Para ela, os consumidores também devem educar-se para um consumo consciente. "É gratificante comprar de uma empresa que não usa mão-de-obra infantil, que respeita o trabalhador e investe em projetos sociais. Isso cria identidade e fidelidade à marca."

Existem diversos selos e certificados para empresas socialmente responsáveis, como o selo *Empresa Amiga da Criança*, conferida pela Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança e do Adolescente, e o *SA 8000*, que certifica a empresa comprometida com as condições de trabalho de seus funcionários.

### Boa imagem

A palestrante mostrou que a opinião pública dá muito valor à empresa que incentiva projetos sociais e envolvimento voluntário. Outra atitude que agrega valor à empresa é a educação ambiental. "A gente nunca imaginava que ia faltar água no Brasil, e hoje há escassez. O que o empresário deixa de fazer e que pode piorar as condições do meio ambiente?"

Segundo ela, quando a empresa assume uma missão social, age segundo uma declaração de valores e humaniza a relação com todas as pessoas envolvidas com seu funcionamento, verifica-se, além da boa repercussão na imagem perante o público, evidentes ganhos de produtividade.

Gustavo Salomão

**Mônica Melo, gerente de marketing da TV Integração, falou sobre responsabilidade social para estudantes de Comunicação Social**

"Os empresários devem agir hoje pensando no amanhã, precisam perceber que investir no desenvolvimento sustentável da sociedade vai ser bom pra todo mundo. As pessoas dizem que isso é utopia, que o empresário só visa o lucro. Mas empresário inteligente, com visão a longo prazo, percebe com mais clareza a importância do investimento social."

**"Temos o poder de não comprar produtos e serviços de empresas que não mantêm uma postura de responsabilidade social"**

Mônica afirma que, hoje, apenas 20% da população do Brasil participa ativamente do mercado de consumo. Ela argumenta que investir na sociedade para desenvolver os 80% é a única saída para o mercado crescer. Mais pessoas com capacidade de consumo darão impulso à economia e vão gerar mais lucros. "É preciso trazer esses 80% para o mercado de consumo. Às vezes a gente só se lembra deles quando somos assaltados. Temos que despertar para o fato de que isso só acontece porque não estamos fazendo nada para mudar essa situação". Enquanto a renda continuar concentrada, não haverá crescimento contínuo, e o mercado ficará estagnado – e vai saturar se os consumidores continuarem reduzidos aos 20%.

No entanto, é importante esclarecer a diferença entre projeto social e projeto assistencial. O assistencialismo não favorece a emancipação do favorecido – ao contrário, consolida a dependência sem modificar as estruturas. Já o projeto social resgata a verdadeira cidadania ao inserir as camadas de baixa renda na sociedade, através do estímulo à educação, profissionalização e articulação social, possibilitando que a pessoa, através do seu trabalho, ingresse na economia com dignidade.

Outro erro comum é confundir *marketing* social com a simples propaganda das ações sociais da empresa. "O verdadeiro marketing social é a comunicação que gera a transformação da sociedade, são as campanhas de conscientização e mobilização social em nome de uma causa. Não é só propagandear que a empresa é socialmente responsável." Ao contrário, empresas que costumam alardear suas ações devem ser vistas com desconfiança.

Segundo a palestrante, se a postura que a empresa comunica não corresponder à verdadeira filosofia da empresa, o público acaba por perceber, mais cedo ou mais tarde. Segundo ela, é propaganda enganosa quando a empresa diz que faz responsabilidade social, mas trata mal o funcionário, por exemplo. "Como é o clima da empresa? Como a empresa trabalha as demissões? Há programas de reinserção de demitidos no mercado de trabalho? Isso tudo é responsabilidade social. A imagem da empresa depende muito do que as pessoas que saíram dizem dela."

Os profissionais de comunicação também têm grande poder nessa transformação. "O publicitário é quem decide os veículos de comunicação onde seus clientes vão anunciar. Neste momento da escolha, ele deve levar em consideração a responsabilidade social da empresa de comunicação". E na hora de criar o anúncio, Mônica sugere que o profissional se pergunte: *o que eu quero? A venda do produtos qualquer custo, ou transmitir valores e fazer da propaganda algo mais valioso?*

### Conheça mais

http://www.ethos.org.br
http://www.gife.org.br
http://www.rits.org.br
http://www.mma.gov.br
http://www.akatu.org.br



issuu-downloader.com

## Guerra

# A pauta do dia

### Professores e alunos debatem o possível conflito entre EUA e Iraque

Neuza das Graças

Os professores Francisco Marcos Reis, Raul Osório, Sérgio Vilas Boas e Ádrian Padilla discutiram a guerra

Painel de debates reuniu dezenas de estudantes de Comunicação no anfiteatro da Biblioteca

Wagner Fonseca
6º período de Jornalismo

O conflito iminente entre americanos e iraquianos foi tema de um Painel de Debates organizado pelo curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba. O debate levou à Biblioteca do campus II, um público de mais de cem pessoas entre alunos e professores.

**"O comunicador não pode ser um 'papaguaio de pirata', um reles repetidor de tudo aquilo que os outros segmentos dizem"**

De acordo com o palestrante, Francisco Marcos dos Reis, jornalista e professor, o estudante de comunicação é um indivíduo do mundo, e deve estar sempre informado sobre os assuntos que interfiram na formação do cidadão.

"Hoje em dia, não se pode restringir o nível de informação", disse o palestrante.

Questionado sobre o papel da mídia neste momento, o jornalista diz que o comunicador não pode ser um "papaguaio de pirata", um reles repetidor de tudo aquilo que os outros segmentos dizem.

"O jornalista deve possuir um discurso crítico, com visão crítica da realidade. Não se pode criar euforia que, de alguma forma, contrarie os interesses da comunidade", concluiu.

Hegemonia

Outro assunto que esteve em evidência foi o interesse do Estados Unidos em atacar o Iraque. Para o professor Sérgio Vilas Boas, o interesse americano pode ser econômico.

Ele acredita que os EUA, querem se sobrepor em uma região que detém um produto cada vez mais disputado, o petróleo. Porém, ele considera que nenhuma decisão econômica é tomada sem uma decisão política. Mas a decisão política americana de atacar, pode ser estabelecida em questão de tempo.

Para ele, a política americana hoje, é de exacerbar o intervencionismo, incentivar o investimento na indústria bélica, criar uma nova polarização e, acima de tudo, aumentar o nacionalismo interno abalado desde os atentados aos Estados Unidos.

"A sensação de vitória sobre iraquianos e até sobre o Talebã é o grande interresse americano. Eles querem reconquistar o título de invulneráveis", concluiu o professor.

**"A sensação de vitória sobre iraquianos e até sobre o Talebã é o grande interresse americano. Eles querem reconquistar o título de invulneráveis"**

Além de discutir a guerra, professores e alunos deixaram claro a importância de neste momento, criar artifícios que gerem e paz.

O coordenador do Curso de Jornalismo, o professor Raul Osório Vargas, em uma simples pincelada de todo o processo de guerra entre o povo iraquiano e americano citou uma antiga preocupação dos índios *Xeroque*, que ainda possuem alguns representantes nos Estados Unidos.

Segundo o coordenador, esses índios, diante de qualquer decisão, tinham a sabedoria de proteger, não a próxima , mas a sétima geração de seu povo.

"A preocupação iminete desses povos pode ser uma reflexão individual acerca de uma possível busca pela paz", concluiu Osório.

issuu-downloader.com

## Guerra

# Adoração à Guerra

### Jogos de interesses políticos e religiosos ameaçam o planeta

**Wagner Fonseca**
**6º período de Jornalismo**

reprodução

"Se os Estados Unidos atacarem o Iraque, 11 de setembro vai parecer piquenique." O depoimento do primogênito do ditador Sadam Hussein ganhou as páginas dos jornais de todo o mundo e tocou mais uma vez o ego americano – o de ser uma potência inabalável.

Após o atentado terrorista de 2001, o mundo percebeu que a "terra prometida do lado ocidental" tem lá suas fragilidades. E se existem as deficiências na segurança interna existem também o receio de atentados organizados pelos algozes americanos, como Saddam e Bin Ladem.

Desde que Hussein invadiu o Kuwait em 1990, um dos maiores exportadores de petróleo de todo o mundo, os conflitos na região do Golfo Pérsico têm colocado em risco a segurança no Oriente Médio

Agora, passados mais de 12 anos, o presidente americano George Bush resolve dar continuidade ao trabalho de desarmamento iraquiano, iniciado pelo Bush pai no início dos anos 90, e considerado pela crítica mundial como uma operação mal sucedida.

A herança da Guerra do Golfo deu ao atual presidente norte-americano, a responsabilidade de defender seu povo, derrubar a hegemonia do ditador iraquiano e as ofensas terrorista do Talebã, duas forças conhecidas do governo americano.

O Iraque já foi aliado dos Estados Unidos na Guerra contra o Irã, e o regime do Talibã foi o resultado da luta americana pelo controle do Afeganistão durante a Guerra Fria.

Com um poderio militar, que no ano de 2001, custou aos cofres do governo 350 bilhões de dólares, (três vezes a nossa dívida externa), a ira de Bush impera a favor de 60% da população norte-americana que endossam uma ofensiva contra o Iraque e ao poder de Bin Laden.

**O Iraque já foi aliado dos Estados Unidos na Guerra contra o Irã**

Aliados

Com um discurso de atacar alvos militares, bases armadas e fontes de energia do inimigo, sem baixas civis, George Bush, tem conquistado alguns aliados como a Grã-Bretanha, a Espanha e a Bulgária, países europeus. Porém, grandes nações que em conflitos anteriores, inclusive na Guerra do Golfo, se aliaram às tropas americanas na famosa operação "Tempestade no Deserto", ainda esperam uma definição precisa da ONU (Organização das Nações Unidas) para apoiar o levante americano de Bush.

Por outro lado, a segurança interna dos Estados Unidos é um assunto a ser discutido.

**Cidadão americano descobriu de forma cruel e trágica a existência do "outro"**

Alguns críticos, chegaram a declarar que, dois anos após o atentado ao WTC e ao Pentágono, o FBI e a CIA, ainda não estão preparados para as ofensivas terroristas. Em entrevista realizada pela internet, o brasileiro Roberto Lima, jornalista e editor do semanário Brazilian Voice, diz que existe a expectativa de que algo vá acontecer, mas a maioria dos americanos espera que tudo seja resolvido no oriente.

O semanário, editado em Newark, no estado de New Jersey, circula em cinco estados da costa leste do país e tem como público alvo a comunidade brasileira que vive na América. Ele diz que a confiança no poderio militar americano é evidente, e a maioria das pessoas, entre americanos e estrangeiros, acredita que se houver uma guerra, vai ser em território iraquiano. Mas o mesmo não acontece com relação aos atentados terroristas.

"O que se ouve pelas ruas é diferente. Após o 11 de setembro, quebrou-se o mito da invulnerabilidade, o medo do imponderável existe."

A mesma opinião tem a uberabense Fabiana Santana Crosara, gerente de projetos de estratégia e planejamento a longo prazo para utilitários e pickups da linha da General Motors. Transferida pela GM do Brasil para trabalhar na sede mundial da empresa, ela diz que, individualmente, teme armas químicas, biolólogicas e os atentados terroristas.

"Contra esses atentados, o governo americano não me convence de estar preparado para garantir a integridade física da população", disse.

Não tem sido difícil perceber que o povo americano continua sofrendo com as sequelas de neuroses que, talvez, jamais sejam curadas. Não existe segurança para o suicida. O suicídio é a tecnologia dos inimigos norte-americanos.

Desde o "day-after", o cidadão americano descobriu de forma cruel e trágica a existência do "outro". Se a neurose se agrava, é preciso então evitar possíveis ataques.

Se Bush diz querer atacar, mesmo sem a colaboração efetiva de outros países, os iraquianos por outro lado, estão prontos para defender seu território – e pior, com uma possível ajuda talebã. E nesse jogo de interesses vale a frase do líder negro Martin Luther King, " Os homens aprendem a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas não aprendem a viver como irmãos".

A necessidade de destruir o poderio de armas do Iraque se resulta no medo e apreensão de que o mundo sofra mais uma vez com os horrores de uma guerra.

Hoje, mesmo com todo o avanço tecnológico e científico, o mundo está nas mãos de pouco mais de meia-dúzia de ditadores. Os interesses capitalistas, religiosos e a avidez de conquistas territoriais para a exploração de recursos naturais , se transformaram em sofrimento e morte de inocentes ao longo do tempo, entre eles, crianças e idosos.

Seja de onde for, do ocidente ou do oriente, o desejo de guerra tem sido a forma de vida de ideologistas sem escrúpulos que ignoram a presença do humana na Terra.

*Fonte: Manhatan Connection (GNT- 08/09/2002)*

**"Os homens aprendem a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas não aprendem a viver como irmãos"**

**(Martin Luther King )**



issuu-downloader.com

Arte

# As cores da alma

## Anarê dribla a deficiência visual e conquista prêmios internacionais com suas obras

**Cícera Gonçalves**
**7º período de Jornalismo**

Captura de tela - Imagens: Ren6e Vieira

Ana Tereza Resende, conhecida como Anatê, já conquistou diversos prêmios internacionais

Tudo começa quando ela faz da cozinha o ambiente da arte e da imaginação. Existe até um "ritual", um radio ligado, bem baixinho, para dar mais emoção a sua pintura. Nada atrapalha o dom de criar passagens de tinta com suas mãos.

Morena, cabelos curtos, baixa, solteira, personalidade forte, gente fina e sempre disposta a falar sobre seu trabalho, parece se encantar quando ouve o nome da arte e principalmente quando o assunto são seus quadros. Ana Tereza Resende, conhecida como Anatê, faz suas pinturas dentro da cozinha, com a tela em cima de uma mesa. Sem utilizar pincéis e muito menos cavalete, esta uberabense de 36 anos já tem seu nome gravado nos circuitos de arte do mundo. Em busca do diferente e diverso a cada dia realiza seu trabalho de forma harmônica.

Em 1991, Anatê foi para Uberlândia e começou a trabalhar como monitora de maquete na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), a partir disso descobriu que tinha talento para a coisa e ratificou entusiasmo pela arte, passou então a se interessar pela pintura e cursou extensão na área. Passados dois anos mudou-se para Belo Horizonte e começou o curso de decoração a nível *superior -sempre baseado na observação e nos detalhes- fez até curso de designer. – O desenho é importante, pois é pré-requisito para a Escola de Decoração. Como neve ao cair, algumas esculturas feitas em isopor com a ajuda do estilete, contornavam os traços das peças*. Disse ela. Isopor caindo de um lado e de outro e que mais tarde se tornaria em símbolo de sua caminhada pela pintura. Nunca imaginava que um dia poderia se firmar como pintora renomada.

**A deficiência visual é decorrente da não recuperação das cirurgias que teve que passar no ano de 1995**

Permaneceu em Belo Horizonte por trinta anos, e com saudades da terra, retornou em 2001.– *Na decoração, realizei meus projetos com sucesso e hoje está exposto na pintura.* O reconhecimento profissional, ela sempre carrega e sendo bastante determinada pelo que está fazendo e o que está por vir.

Começou a pintar mesmo, em dezembro de 1999, e que hoje se somam 150 quadros. Fala que pintava só porque a agradava, mas não é bem assim, além dessa afeição, a impressão é que as telas são de grande estima para sua vida.

Anatê pinta seus quadros com as mãos, e quem os observa podem pensar que foram pintados com pinceis, tem-se a impressão de uma pintura solta, nada interrompida e todo o dom por meio da arte. Dedos fazem o papel de pincel, e vem de encontro em sua mente a cada quadro pintado, um sentimento de reconhecimento, o poder de expressar o que está sentindo e de poder criar.

### Coragem e persistência

Alguns podem vir a pensar que deficientes visuais não podem exercer atividades, mas estão equivocados porque esta mulher, a partir do momento que perdeu sua visão em conseqüência de um acidente quando tinha 32 anos, passou por alguns problemas, mas com sua coragem e persistência, trabalhou com inclinação na pintura.

Tudo começou em um dia chuvoso, estava em um restaurante em Belo Horizonte. Estava andando muito rápido em uma descida, cheio de pedras e muito escorregadio.

– *Eu caí com muita violência no chão em cima de minha própria perna direita e naquele momento tinha acabado de quebrá-la, só que como eu era muito jovem muito vaidosa e tinha levado um tombo muito horroroso, todo mundo riu, então tentei levantar rápido e sair de fininho. Com muita vergonha, ainda sai andando de perna quebrada e foi então que minha situação se agravou*. Anatê fez varias cirurgias na perna, mas infelizmente era muito sério. A deficiência visual é decorrente da não recuperação das cirurgias que teve que passar no ano de 1995. Por outro lado Anatê comenta de suas telas como se estivesse falando de um filho. Tenho muitos ciúmes delas e não as venderia para qualquer pessoa, a não ser para uma amiga mais próxima e olhe lá.

A mãe de Anatê, Eleusa Resende, com jeito meigo e adorável tanto com sua filha ou com qualquer outra pessoa, empenha-se ao máximo para ajuda-la, como, por exemplo, oferecendo as tintas para ela pintar, mas hora alguma interfere no trabalho da pintora, e no resultado final, a filha a pergunta se está faltando

Artista faz suas pinturas dentro da cozinha, com a tela em cima de uma mesa



issuu-downloader.com

**Anatê pinta seus quadros com as mãos, e quem os observa podem pensar que foram pintados com pinceis**

alguma coisa aqui, outra ali, mas a mãe não expõe sua opinião, e confere se está faltando tinta em algum pedacinho dentro daquela arte toda e elogia o produto final com orgulho. Um certo dia Anatê vendeu um de seus quadros e arrependeu tanto que falava nele todas as horas.

### Valor artístico

Anatê comenta que a alguns anos atrás, uma tia de "coração", comentou que ela estava pintando uma gracinha e isso a deixou magoada, pois parecia que a tia estava com sentimento de dó. Lembra que naquele mesmo momento que a tia disse aquilo, serviu para ela crescer no seu trabalho e procurar esquecer o que a tia falou.Eu pensei: *– sempre tinha sido reconhecida como decoradora e que teria que saber de qualquer maneira a qualidade de minha pintura e decidi então me compactar na Academia brasileira de arte e cultura histórica, e deu tudo certo.*

**Artista foi convidada para expor seu quadro para o Papa no Vaticano**

Quando se compactou na Academia, em dezembro de 2000, não contou que era deficiente visual, pediu para que avaliassem seu trabalho. Indicaram-na então uma sessão à pintora e orientaram sobre como deveria ser feita a foto de seus quadros. Ela contratou um fotógrafo profissional e este fez as fotos, em seguida levou-as para o crítico, que analisava as fotos dos quadros dos artistas.

A surpresa veio à tona, no dia 15 de janeiro do ano seguinte, foi anunciada em uma página inteira do *Jornal Estado de Minas* sobre a pessoa dela e que teria sido convidada para expor seu quadro para o Papa no Vaticano. Ela foi a Roma levando cinco quadros, foram eles: *Canteiro de Hortência, Clareira na Mata, Releitura das Cores na Bandeira do Brasil, multidão e morte de uma árvore.*

**Em dezembro de 2000, não contou que era deficiente visual e pediu para que avaliassem seu trabalho**

A partir deste convite, a notícia alastrou-se e muitas pessoas ficaram sabendo e a chamaram para expor os quadros em Belo Horizonte e São Paulo na Sociedade Sírio Árabe antes de ir ao Vaticano. E foi ai que ganhou seu primeiro prêmio de pintora. Conta ela que a partir desse momento marcante de sua vida, eram feitas entrevistas para jornais e TV quase todos os dias.

A TV Horizonte de Belo Horizonte fez uma entrevista de uma hora com ela e teceu agradecimentos à Uberaba. Uberaba ainda não sabia direito quem era a pintora Uberabense e no exterior eu já estava muito conhecida_ risos dela e da mãe. Hoje muitas pessoas sabem perfeitamente quem é esta pintora que faz quadros com mãos de pincéis.

O VII Circuito Internacional de Arte Brasileira na 2ª mostra, que aconteceu dia 1 ao a 5 de outubro de 2002 em Viena – Áustria- incluiu vários quadros de artistas de todo o mundo, Anatê foi classificada, enviou 5 quadros e representou Uberaba e Minas Gerais. Para participar desse circuito são feitas seleções com mais de 500 artistas escolhidos a dedo. O artista não ganha dinheiro, só gasta, só paga. Anatê diz que é raro ter premiações em dinheiro, mas que alguns prêmios são em viagens. Nesta época lá está muito frio, achei melhor ficar por aqui mesmo, comenta ela.

*–Já viajei para vários lugares devido aos quadros que ganhavam, mas nunca com intuito de adquirirr dinheiro, pelo contrario só gastava e muito, com alimentação, manutenção e segurança, mas para mim só de estar fazendo meus quadros e sendo reconhecidos é o que importa, pois estarei mostrando –os e sendo reconhecida lá fora.*

**Pintora conquistou premiação no New Internacional Art em Toronto, Canadá**

Não só os prêmios que Anatê recebe, mas, sobretudo o dom que tem pela arte e o gosto pela pintura que a faz observar os detalhes de cada momento, até mesmo de sua vida podendo ser passados para a tela, pois a qualquer momento a mistura de cores exposta nas telas pode vir a tornar-se um só momento, momento pelo qual o pintor expressa o que está sentindo sem restrições. Ana Tereza já é reconhecida e recebeu da Unape (União Nacional de Artistas Plásticos), a indicação pela ordem do mérito das artes plásticas.

No dia 25 de agosto de 2002, a pintora conquistou outro prêmio no New Internacional Art & grupo Lemos Artes, na cidade de Toronto no Canadá. Ela ganhou o prêmio Máster Gold Midal (máster medalha de ouro) com seu quadro titulado como *LUA*. Foi a tela que mais marcou a minha vida. A mãe com todo carisma trouxe o quadro *LUA* para eu conhecer e pediu para que o olhasse de longe, porque em uma certa distancia parecia à lua de verdade. Foi até o quarto busca-lo, quando o vi, parecia uma lua de verdade. Lua que iluminava a casa e clareava o recinto daquela sala imensa que mais parecia casa de artista, afinal é uma casa de artista que jamais irá desfazer-se desta lua que a ilumina.

Algumas pessoas que nunca passaram por problemas, seja uma deficiência ou qualquer outra coisa, podem pensar que não são capazes de fazer nada e logo desistem de seus sonhos, sendo que "nada" os impedem de fazer algo. E não é bem assim, porque esta pintora mostra um grande amadurecimento em relação a sua vida e sua arte, e o mais importante, é que sua deficiência não impede que seu trabalho seja realizado, pelo contrário, traz a cada dia novas esperanças a serem construídas e adquiridas dentro daquela cozinha que não serve só para lanchar e jantar, mas para ouvir seu radinho bem baixinho que tanto gosta e transformar-la em uma espécie de arte-cozinha, fazendo seus quadros saírem desse recinto e viajar por esse mundo afora, trazendo mais emoções para ela em especial e sua mãe. O cavalete? Há! Não esqueci desse, mas lembro-me bem melhor da mesa que está no seu lugar e quando tudo se torna sem pinceis e sem cavalete e transforma-se as mãos de pincéis e a mesa farta de tinta.



issuu-downloader.com

# Medo de ter coragem

## Socorro! Estão desvirtuando as características de nossos craques e a arte do futebol brasileiro

**André Teixeira Nunes**
8º período de Jornalismo

Em qualquer segmento do Brasil ou do mundo, o **medo**, isso mesmo!.. O **medo**, é o nosso obstáculo maior. É o pior inimigo que temos pela frente. Ele é cruel e nos faz reféns de nós mesmos, impossibilitando-nos de prosperarmos. Incrível não? Às vezes nos vemos incapazes de realizar algo, que lá fundo, bem lá no fundo, sabemos que temos plena condição, somos plenamente capazes. Porém por causa dele, o maldito **medo**, somos aprisionados por nossa incapacidade de superá-lo.

**O medo é o pior inimigo que temos pela frente. Ele é cruel e nos faz reféns de nós mesmos**

Existem vários **medos**. O **medo** de encarar uma dificuldade qualquer, o **medo** de fazer uma prova decisiva, o **medo** de arriscar um chute a gol, o **medo** de colocar em campo, um time ofensivo, o **medo** de dar tudo errado, enfim, o **medo** de termos coragem!.. Por traz desta simples palavra, pequena e aparentemente insignificante, "**medo**", oculta-se o maior de nossos oponentes, aquele que mais consegue nos vencer! O **medo**. É!.. ele é insistente, e aterroriza as nossas pretenções. Todos, somos prisioneiros do **medo**. Porém, muitos com coragem, lutam e resistem a este implacável terrorista. Mas!..

Meus amigos da bola, um abraço! 2003 já começou, com ele, foi dado o ponta pé inicial para mais uma grande temporada do nosso maravilhoso futebol arte. Em Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, etc, etc, etc, a menina levada, está rolando pelos gramados. Seja num pequeno estádio simples e acanhado, dono de um campo cheio de buracos quase que totalmente careca, ou num maravilhoso estádio de belíssimo gramado verde, como os campos em época de primavera, ela rola à vontade, a menina, se delicia com o tratamento de primeira que recebe daqueles que a conhecem como as palmas de suas próprias mãos. Tudo bem, não vamos exagerar, não é? Sabemos que muitos, a tratam como uma escrava. No entanto, mesmo assim, ela continua dando show, alegra os quatro cantos do mundo, com emoção e muitos gritos de gol. É!.. Matéria prima para isso, nós temos de montão. Agora, profissionais do ramo para enxergarem as características de todo esse material, lapidando-o ainda mais, colocando cada peça em seu devido lugar, está cada vez, mais escasso em nosso promissor Brasil.

Tem treinador que exagera no medo, e esses meus amigos, é o que mais existem por aqui. Engraçado não? Logo aqui, terra de muito bom cultivo e excelentes colheitas, mas tudo bem. Como diz um ditado popular, **em casa de ferreiro, o espeto é de pau**. Agora, raridade mesmo, é termos profissionais competentes, que simplificam as coisas. Como dizia o nosso saudoso Cafunga, se lembram dele? Cafunga, ex goleiro do glorioso Atlético Mineiro, que ao encerrar a carreira, tornou-se um brilhante comentarista de futebol, alguns devem se lembrar, porém, creio que a grande maioria dos jovens, nunca ouviram falar. Ele dizia bem assim: **no Brasil, o errado é que é o certo**.

Sabe galera, o Cafunga tinha razão. Por exemplo, tem treinador que no seu time, só joga quem tiver um físico avantajado e mais de um metro e setenta e cinco de altura, ou até mesmo um e oitenta, é brinquedo? Vocês já pararam para pensar nisso, imaginem vocês, se há vinte, trinta anos atrás, nós tivéssemos esses treinadores, que dureza seria não! Então, seguindo o meu raciocínio, provavelmente, não teríamos o prazer de vermos em campo, um Zico, um Reinaldo, um Pelé, um Garrincha, já pensaram nisso? Meu Deus!..

**Tem treinador que exagera no medo, logo aqui, terra de muito bom cultivo e excelentes colheitas**

Muitos deles insistem em criticar jogadores que em lances mágicos, desconcertam defesas adversárias, para eles, esses jogadores ousados e habilidosos, desrespeitam os adversários

Existem outros treinadores, que ao invés de observarem as características de seus comandados, para então definir uma filosofia de trabalho, não, já chegam no clube impondo o seu método e quem não se enquadrar, tá fora. São por esses motivos e outros mais, que determinados jogadores arrebentam com a bola em alguns clubes por onde passam e quando chegam em outros, dirigidos por treinadores, diga-se de passagem, retranqueiros, não são os mesmos de outrora. Por que isso acontece então? É simples, no Brasil, o que mais se vê, são técnicos que só atrapalham. Existem treinadores por aí, como Celso Roth do Atlético Mineiro e Felipão da Seleção portuguesa, que por mera "coincidência" são da mesma escola, se tivessem em seu grupo de jogadores, craques como, Robinho ou um Diego, com certeza iriam pedí-los para marcarem, assim como fazem com Paulinho e Juninho do galo, e Figo da Seleção de Portugal. É muita crueldade não? Quando isso acontece, em alguns times por aí, como esses que foram citados etc e etc, a torcida do time adversário agradece, pois na verdade, são eles é quem deveriam ser marcados, no entanto!..

No Brasil meus amigos, infelizmente a grande maioria dos treinadores não entendem nada de futebol, essa é que é a mais pura verdade. Estão desvirtuando as características de nossos craques, e acabando com a arte do futebol brasileiro em parceria com dirigentes também incompetentes, que de futebol e administração, nada entendem, são bons sim, em uma coisa, argumentos persuasivos e palavras bonitas, mais nada. **Socorro!..**

Galera do esporte, aquele abraço!..

reprodução

issuu-downloader.com

# Vamos ter um dedo de prosa?

## " Bar dos Aposentados" é o local dos que vivem em eternas férias

Karla Marília Meneses
6 Período de Jornalismo

Quando alguém se aposenta o destino fatal é ficar em casa vendo televisão, certo? Errado. No " Bar dos Aposentados", existente há mais de trinta e seis anos à rua Governador Valadares os aposentados vão tirar um dedo, tomar uma cervejinha gelada e discutir os acontecimentos de relevância no país. As portas do bar são daquelas de ferro, antigas que correm de cima para baixo. A placa *Luiz e Marcos Comércio e Ltda* está localizada na entrada do bar. De propriedade dos irmãos Luis e Marcos Humberto Mutão, o bar é o "ponto estratégico" dos que tiraram eternas férias. " Estamos aqui há mais de 24 anos. Compramos e não saímos mais." revela Marcos Humberto com a tranquilidade mineira, de quem nasceu em Jubaí.

**Bar é ponto de encontro para rever velhos amigos, jogar conversa fora, falar sobre política e futebol**

" A gente vai ficando mais velho, tem que ficar mais quieto", diz o frequentador Roberto Pinheiro, fazendeiro, com três pontes de safena. Leva e busca os netos no Colégio Marista Diocesano e nesse intervalo assiste o noticiário na televisão do bar de Luiz e Marcos. Os irmãos se revezam com o bar e o "Delícia Lanches", lanchonete que se localiza frente ao bar. Os salgados são feitos por lá. O torresmo e o famoso "bauru" com tomate, presunto e mussarela são os itens mais apreciados. O bar tem um certo "charme" num estilo "secos e molhados" . Tem de tudo um pouco: dos inevitáveis enlatados às garrafas de rum, campari e uísque. Das garrafas de bebida a um bom coador de café. É trabalho que não acaba mais.

Para comer, o cardápio é variado: frango caipira cozido ou frito, carne de panela, linguiça calabreza ou mineira. E por falar em linguiça, Luiz conta a prosa de um delegado que gostou tanto da linguiça do bar que roubou uma quantidade considerável. Saiu na rua com uma bacia de linguiças na mão. " Isso faz muito tempo!", Luiz ri. E quem é o delegado? Aí Luiz fica sério: " Digo não."

Muita gente com várias prosas para contar passam por lá: um dos clientes assíduos é Aloysio Ferreira, que há seis anos frequenta o bar. " Já aposentei por minha conta. Daqui a cinco anos aposento de novo!" brinca ás gargalhadas. Spártaco é uma outra " figura" do bar. Com quase oitenta anos, quando jovem foi pescador profissional. Há anos não pesca e sonha em fazer uma pescaria, pegar muitos peixes antes de morrer., apesar da fragilidade física.

Outro "causo" interessante é Maratona de São Marcos da 3a Idade: idealizada em 1994 por Luciano de Sousa Rocha, o " Lulu", cantor de guarânias nas horas de lazer. A corrida tinha como percurso a avenida Leopoldino de Oliveira e tanto a saída quanto a chegada era no Bar dos Aposentados. Aliás, o Bar dos Aposentados - com a Funerária Irmãos Pagliaro – seria o patrocinador do evento. Havia uma lista com o nome dos participantes e eram setenta e um homens. Para correr, apenas um requisito: ter mais de cinquenta anos. A corrida não se realizou, mas a lista existe até hoje e está com Luciano. " Os que vão morrendo vou dando baixa.", afirma. De fato, vinte e um participantes morreram. "Aqui existe a *cadeira fatal*. É aquela ali do cantinho… quem senta muito nela, morre!" avisa "Lulu". Brincadeira ou não, o remédio é evitar a famigerada cadeira.

**" A gente vai ficando mais velho, tem que ficar mais quieto"**

Outro cliente fiel é Wilson Rodrigues, o " Cação", que volta e meia discute política e polemiza com os outros fregueses do bar. Tudo na brincadeira. Geralmente chega um que é fanático por um time, geralmente o Naça, (Nacional, time de Uberaba), outro que discute política e xinga ou apoia o governo. Cada qual com suas opiniões e ideologias, vão expondo suas idéias. A polêmica é o ingrediente indispensável.

Na realidade, o bar é o ponto de encontro para rever velhos amigos, jogar conversa fora, falar sobre política e futebol. Um exemplar dos principais jornais da cidade fica sobre a mesa, à disposição dos fregueses. À disposição também está o *Pimba: o jogo que com 1 real você aposta,* é o que afirma a cartelinha do jogo. Lá pelas tantas, comer um bom torresminho mineiro é uma boa pedida. " É o melhor torresmo de Uberaba", o proprietário assegura. A estudante que vos escreve essa matéria não conferiu apenas o torresmo. A cerveja é gelada.

fotos: Karla Marília Meneses

" Bar dos Aposentados" existe há mais de trinta e seis anos

Frequentadores jogam conversa fora enquanto bebem uma gelada e comem um torresminho



issuu-downloader.com

# Silêncio Estrangeiro

**Luiz Flávio Assis Moura**
**2º período de Jornalismo**

Ela chorava. Não por desespero ou infelicidade, tampouco de alegria e glória – quem sabe espanto? dor? não, não, muito pelo contrário. Era uma razão distante, fria, e ultimamente inútil – então eram lágrimas de si. Chorava seu próprio corpo por motivo íntimo, em ritual quieto e indevassável, e era feliz naquele instante de sal amargo. Finalmente Miranda descia as escadas, obsedada pelo sangue do amanhecer, satisfeita e cética em relação a si própria. Sorria e caminhava com paciência, recostada em sua tristeza arredia e calma como se fosse macio senti-la na pele pálida, quase desconhecedora do sol. O que tornava seu acordar mais surpreendente – ela que, suspeita por seu próprio ato de pensar, se mantinha suspensa secretamente no ar que suspirava e repelia em tédio morno… vivia em processo lento de entardecer, segregada e protegida dos outros e de si, mas ainda assim, pronta para morrer pelas suas próprias mãos encharcadas de carne fugaz e atônita sem arrependimento algum, como se guardasse dentro de sua bata o próprio fim e soubesse disso… então, o que a arrebatava da cama tão cedo? e sentia prazer oculto e quase proibido de sua própria incongruência, por um instante translúcido se abstendo de si. O anseio vagava leve, quase cálido pela mesa que servia o café da manhã enquanto o filho gritava nervoso e ininterrupto atrás de si mesmo. Sem saber, sentia que se distanciava do corpo grande e cego, e o que restaria de sua infância? Mariana, subitamente, repousou em si em um ímpeto branco e morno que a avisava de seu coração batendo, como se precisasse viver em intervalos emergenciais. Maternal e branda, quase derramando leite de sua neutralidade, tomava o filho pelos olhos e dizia "está tudo bem, meu filho, eu estou aqui", subitamente enlevando e aquietando a tensão vívida e alegre da casa… somente para desaparecer sem deixar o mundo, e perder-se de Eduardo, Clara, o desastre, Alberto, os estranhos que a assustavam e a desconheciam… Ela não sabia, não sabia, e sentiu-se culpada pela tristeza que fugia de suas mãos. Então, era por isso que!… não. Não, ela compreendeu surda, e diminuiu-se insípida e tranqüila de volta ao quarto, antes que as crianças buscassem desejá-la presente e não pudessem viver sós.

**Morar na cidade grande, no mundo gigantesco, longe de si, sentia saudades, saudades, saudades... e ele estava morto.**

O armário de mogno velho repousava desajeitado e infeliz ao lado de Miranda, recostada e expectante como quem espera chuva, consciente d'O ar que a circundava. Opressa e esperançosa, ela passava a contemplar as coisas como o fazia todos os dias, incapaz de negar amor e ódio aos borbulhos, incandescendo em sua frieza almiscarada e limpa, e lembrava-se também dos filhos, do marido que morreu antes de seu amor… ela nunca teve a chance de vê-lo além de sua força eterna de ser amado para desvendá-lo como homem tolo e sem surpresa – a ponto de não saber se ele seria realmente um tolo ou uma pessoa que realmente amava como se pertencesse a seu âmago. Aos poucos, se enegrecia seca, resistindo à piedade que a dominava e acolhia diante dos outros – pobre viúva! Tão jovem, o marido era tão bom! A água que corria pelo mundo era vasta e diferente, Miranda sabia… no entanto, desde que se separara da terra, os veios que encontrava eram sujos e intoxicantes, e não conseguia beber deles mesmo que tivessem uma textura doce, poderosa a ponto de embriagá-la e fazê-la sorrir como se seu nome fosse outro. Morar na cidade grande, no mundo gigantesco, longe de si, sentia saudades, saudades, saudades… e ele estava morto. A razão pelo qual se fizera estrangeira se encontrava debaixo da terra fofa. Ele deve estar feliz, agora que pode sentir água pura, pensou… sem se dar conta que ele não se preocupava com água e sangue. Aos poucos, aquilo que já não rememorava com precisão se tornava um desvio para suas raízes e baixos-relevos, parte integrante e pálida de si. Se encolheu, pouco a pouco sonolenta e ambígua, e lá fora as pessoas conversavam, riam, viviam sem pressa e estúpidas, sim, sim, é claro. Ele queria um carrinho de madeira, mas quanto custa este tomate, e as bacias? Ah, esta maçã parece tão gostosa, você faria um desconto para uma cliente antiga, Felício? as vozes se erguiam e sorriam para Miranda à medida distante em que ela se tornava menor e mais triste, como se todos os seus sentimentos fossem visitados pela primeira vez. Mas não posso, os tempos estão difíceis, você entende, não, Alice? Os tempos eram difíceis. Dias de amanhecer cru e interrompido por uma carta empoeirada que lamentava o fim de mais um elo da teia como se fosse um pedaço de pão morto e pesado. Ao instante, aquela carne sem sopro não significava nada… nada… mas o que restara de Miranda sem ele? Não fora chamado ao túmulo, mas o fogo apoderara-se de Alberto do mesmo jeito, sentia ela… o que era, o que era que a impedia de sofrer em paz? *Poderia ser mais do que uma mulher*, estava destinada a ser mais que um terreno molhado que florescia gente para ser dona de seu próprio útero chuviscante, que se apalpava em ânsia e fome. Mais que simples geratriz, ela nascera com a marca do amor irrestrito e inundante que sempre dedicara às coisas. Mesmo que não pudesse demonstrá-lo com o rosto ou as mãos, em algum lugar da casa tomava o ar e escrevia que não podia viver sem as coisas que amava, o mundo, as crianças, ele, os gritos, Deus, coisas… perdera um de seus amados, e era como se já não tivesse mais ninguém. E o desastre, o desastre, por Deus, o que aconteceria se todo o resto que já não podia alcançar fosse destruído também? ela o perdeu para o horror de poeira e fogo que encontrava naquelas ruas quentes e velhas somente um eco, mas o sentia vivo e se aproximando. E ameaçador, mas por que não colocas o vestido branco de noiva e te casas, querida? o cheiro forte de gritos desencontrados e bêbados de dor a atormentava e chamava por ela… vinde, vinde, Miranda, porque tens nada e nada perdes, vinde que tua alma é condenada… o que, o que, se Deus respondesse a seus lamentos, o que ela pediria? Chorava de novo, como não o fazia com freqüência… sua infelicidade críptica se estendia até a cama, e ela aos poucos se sentia cansada e incapaz de pensar… então, ela simplesmente desfaleceu e dormiu, como se aquele fosse o momento de sua morte.

**Se encolheu, pouco a pouco sonolenta e ambígua, e lá fora as pessoas conversavam, riam, viviam sem pressa e estúpidas, sim, sim, é claro.**

Quando acordou, era como se estivesse morta há anos e seu mundo já não existisse. No entanto, a noite baixa e sussurrante não dava o sinal de descanso ou fim que ela esperava. Miranda sentou-se diante do espelho e estranhou-se: era outra pessoa, e seus olhos não reverberavam consigo, da mesma forma que as palavras que murmurava sem cortar o ar não eram aquelas que buscava dizer, mesmo que aquela fosse a razão de sua mudez constante e densa. Há quanto tempo não acordava? poderia recomeçar a viver diante de seu mundo arruinado e sem vestígios como outra. Poderia dar a si um outro nome, seria Elisa ou Lavínia, enquanto Miranda poderia descansar pelo resto de sua vida… aos poucos, gostava mais de seu passado e de seu próximo instante sem esquecer-se do gosto amargo da solidão. Uma grandeza profunda se aproximava de seu centro a partir da garganta, ocupando sua respiração opressa, asfixiando-a tranqüilamente, dizendo: morre, morre, não chora… as portas se abriam e fechavam, em sons de vidro quebrado em busca, em busca, em busca, até que surgiria um grito oco de madeira anunciando –

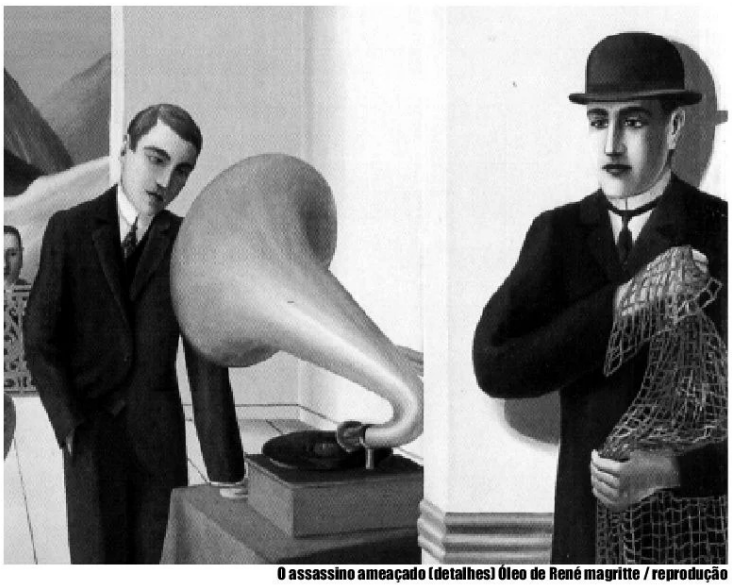
-Mãe, tia Germana chegou!

-O quê? Ah, já vou descer, Clara…

Então, *estava viva*. Quantos dias? Sua irmã estava ali, o que a traria para a terra distante além da saudade? pensou Miranda, à medida que sua nova identidade se dissipava… ainda estava ali. Tudo o que temia, o que chorava, inclusive aquilo que não perdera e lamentava por antecipação. Até quando… ainda se lembrava do amor que sentia por Germana, e as saudades que cresciam macias com as cartas que mandava e demoravam meses a ser respondidas, não



issuu-downloader.com



O assassino ameaçado (detalhes) Óleo de René magritte / reprodução

parecia que vivia assim há anos, e que era tudo revisto e conhecido na cidade, em volta das pedras e das calçadas duras. Da mesma forma que descera as escadas diante do amanhecer revolto o fazia ao contemplar a tarde obsoleta e neutra. Ao ver a irmã gorda e surpreendente, como se não pudesse viver sem alegria e sobressalto, sorriu em assustada sinceridade e se sentou, pediu chá – ah, o chá está pronto? Clara, por favor, traga o chá, se quiser, pode comer os biscoitos com a gente… chame o Eduardo, querida, que não é sempre que tia Germana vem! Senti tantas saudades, irmã, como vai, como vai…? Se acostumava, reconfortava-se diante dos rostos… algumas vezes, se esquecia da impossibilidade de cortar-se de si além de um breve instante de santidade em que as pessoas vêem sua alma distante do corpo, e desmaiava. O fazia sozinha, também, como se fosse um ritual secreto que a ocupasse em corpo e espírito – não sem razão. Se desmaiasse diante da irmã e dos filhos, naquele instante, não retornaria inteira e serena como seu próprio vulto e se perderia da própria intimidade. De qualquer forma, esperava. As coisas continuaram, entre chá, biscoitos e o seu próprio silêncio, consciente de alguma eminência cujo nome não sabia. Talvez soubesse que algo iria acontecer.

-Miranda, o que você está olhando pela janela, querida?

-Eu… nada, minha irmã. Só vendo as coisas…

-Como sempre, não é? Desde criança… você sempre foi assim.

O que não esperava. Afinal, estava atônita e quieta, mas nada a prepararia para a felicidade súbita que não vira até então – o jornaleiro corria pela rua aos berros indignados e alegres como se o mundo fosse um moleque para se gritar o nome no meio da rua, as coisas borbulhando do lado de fora:

-É *finita*! É *finita*!

-O… que…?

-Gente! ***É finita la guerra***!

-… sério?

O quê!!!???? Finita, finita, acabou… Miranda deu um grito cego, levantando-se As crianças subiram as escadas, Germana também deu um grito, as coisas pararam… então, deu-se um murmúrio comentando a falta estranha de alegria em volta, um pintor continuou seu retrato de uma dama em silêncio – que, secretamente, também gritara sem que os outros soubessem – e tudo continuou. Miranda continuou a conversar, observando esporádica a janela e a irmã. No dia seguinte, ela fora embora e Miranda não pôde fazer nada além de arrumar seus escombros finos com um pedaço de seda e ir embora com um sorriso seco e tranqüilo. Nada do que perdera voltaria, assim como nada do que tinha seria eterno. Mas estava feliz e triste, envelhecendo com amenidade mais uma vez. Pela primeira vez deixou-se molhar pela chuva que esperava cair na estação de trem, e voltou para casa. Desde então, voltou a acordar todos os dias vendo o mundo crescer junto com seus filhos. Morreu estrangeira e quieta, e passaram-se anos e anos…

**No dia seguinte, ela for a embora e Miranda não pôde fazer nada além de arrumar seus escombros finos com um pedaço de seda e ir embora com um sorriso seco e tranqüilo.**

Cinema

# Algemas milenares

**Karla Marília Meneses**
**6º período de Jornalismo**

Quando em 1989 os estudantes invadiram a Praça da Paz Celestial numa manifestação contra o sistema político chinês, o diretor Zhang Yimou estava entre eles. E foi acusado de incitar os jovens contra a China e fazê-los adorarem o cegamente o "pernicioso" cinema ocidental.

Filho de pais que lutaram contra o Exército Vermelho, Zhang foi um dos responsáveis pela ascensão do cinema chinês nos anos 90. Usando a captação da imagem em movimento mediante as sombras, recurso corrente na sétima arte chinesa, o diretor demonstra as atrocidades praticadas pelo seu país, a conturbada evolução política e os implacáveis costumes milenares. O diretor é fortemente influenciado pela filmografia ocidental – isso é óbvio – e mais influenciado ainda pelos seus compatriotas: os cineastas perseguidos por Mao Tsé-Tung na (ironicamente) chamada Revolução Cultural.

Em *Lanternas Vermelhas,* baseado no romance *Esposas e Concubinas*. As lanternas significam um ritual noturno praticado pelo senhor das concubinas. Nos anos 20, uma jovem universitária vai ser concubina de um senhor feudal que a mantém em um palácio. Outras três mulheres estão na mesma condição. Presas, com o destino nas mãos do homem, as quatro engendram todo o tipo de intrigas na disputa da preferência do "mestre" e dos privilégios que recebem quando escolhidas por ele.

O filme retrata a situação das chinesas, a subserviência feminina, o sistema patriarcal vigente e a rigidez dos costumes chineses. As jovens chinesas, sem uma perspectiva diversa para suas vidas, ficam sob o jugo masculino para não morrerem de fome. Impossibilitadas de trabalhar, tornam-se concubinas e escravas, realidade comum no país, além da matança generalizada de meninas ainda bebês.

Zhang Yimou explora o minimalismo e as "sombras chinesas" que é uma das primícias do início do cinema chinês. A lentidão da câmera, buscando detalhes, apenas sugere. Quem vê, sente o impacto, apesar da violência não explícita. O uso do vermelho, sombras e cores é um recurso muito utilizado pelo diretor em *Lanternas Vermelhas.* Malgrado a disparidade de costumes entre Ásia e Ocidente, o filme nos deixa com uma leve impressão de *dejà vu* : as mulheres ocidentais igualmente possuem suas algemas de escravidão no *stablishment*. Uma das cenas mais impressionantes do filme é a de uma das concubinas – que é cantora lírica – subir no telhado para cantar em pleno inverno rigoroso oriental, já que era proibida de cantar e ouvir discos. Poderia apenas, quando escolhida pelo "mestre" por alguns dias.

Lanternas Vermelhas custou $ 1 milhão de dólares. Cultuado no Ocidente, é proibido em seu próprio país.

Lanternas Vermelhas
(Raise the red lantern), 1991
Diretor: Zhang Yimou.

divulgação

issuu-downloader.com

## Bienal da Une

# Um encontro com a Cultura Popular

### Evento reuniu estudantes e artistas de todo o país

**Flávia Correia**
**7º período de Publicidade**

fotos: Flávia Correia

Maracatu e Frevo animaram as noites da bienal

Recife e Olinda (PE) sediaram o maior evento cultural do país. Um encontro com a cultura popular foi o que estudantes de todo o Brasil presenciaram na terceira Bienal de Arte, Ciências e Cultura promovida pela UNE ( União nacional dos Estudantes). Com o objetivo de promover, incentivar e divulgar a produção cultural realizada dentro das Universidades do país, a Bienal ao mesmo tempo teve a responsabilidade de debater sobre a formação e a atualidade da cultura brasileira.

As mostras Universitárias consistiam na exposição de trabalhos selecionados de acordo com o regulamento da Bienal, que contempla mostras nas áreas de Artes Cênicas; Cinema e Vídeo; Artes Visuais; Músicas; Literatura; Ciência e Tecnologia. Pôde-se observar a qualidade e criatividade dos trabalhos e reafirmar o potencial artístico e científico dos estudantes.

Ao mesmo tempo, realizavam-se oficinas e minicursos ministrados por profissionais renomados da capital pernambucana. Atividades em que os participantes puderam ter contato com diversas formas de produção e expressão artística. Além das atividades realizadas no Centro de Convenções de Olinda, as comunidades populares, como a cidade de Tabajara, Comunidade Peixinhos, Comunidade Campina de Barreto, Totó e Alto de Santa Terezinha, interagiram com as expressões populares tipicamente pernambucanas.

Os Universitários que lá estavam, apreciaram o Café Literário- grande sucesso da segunda Bienal, ocorrida no Rio de Janeiro - que, além de uma rica programação, abrigou a Mostra de Literatura, Ciência e Tecnologia. Para que todos participassem desse cenário, foi criada a Cyber Café, divulgação online de todos os momentos da Bienal.

Maracatu e Frevo animaram as noites da bienal, que contou com a presença de importantes personalidades do cenário local, como Selma do Coco, Mundo Livre S.A, Cordel do Fogo Encantado e Alceu Valença. Um luau na praia de Gaibu (Cidade do Cabo), a 55 Km de Recife, com a presença de Paulo Miklos, explorou a beleza de uma das praias do litoral brasileiro. Para completar esse visual, uma vila de pescadores proporcionou um charme ao cenário do luau.

"Teve um tempo no Brasil que quem falava em cultura popular era apedrejado e quem falava em cultura popular brasileira era preso. Nunca me intimidei com isso, nunca abaixei a guarda, sou teimoso.", assim se define Adriano Suassuna numa aula para cerca de 3 mil estudantes.

Através de um jeito de menino, o jovem senhor, 76, responsável por um dos pontos mais altos da Bienal, fez questão de enfatizar a necessidade da preservação da língua portuguesa. A aula de Suassuma, terminou com a apresentação do Ballet Popular de Recife, que procura fundir a arte erudita com a arte popular. Um espetáculo que contagiou a todos.

Um evento foi organizado para defender a cultura popular brasileira e seus valores, a *Culturata*. Cerca de 800 pessoas percorreram as ruas históricas de Olinda, impulsionados com o ritmo do frevo e do maracatu, gastando muita energia acompanhando os bonecos de Olinda.

O ator e Secretário de Arte Cênica e Música do ministério da cultura Sérgio Mamberti, também deu o ar da graça. Falou entusiasmado da iniciativa da UNI na construção dos CUCAs (Centro Universitário de Cultura e Arte), destacou a importância de se estabelecer uma ponte com o ministério da cultura para fortalecer esse processo. Além disso, comentou a necessidade de se estabelecer uma ponte também com o Ministério da Educação.

> **"É preciso promover a valorização da cultura popular brasileira entre crianças e os jovens, afinal é de público que os artistas precisam"**

Todas as atividades – impossíveis de ser descritas – com certeza foram guardadas na lembrança de cada participante. Foi uma profunda renovação do nosso espírito brasileiro.

Durante sete dias, convivemos com poetas recitando suas poesias, artistas plásticos expondo suas obras, bandas fazendo quase oito mil estudantes aplaudirem sem cessar.

Realmente, foi um evento que todo jovem brasileiro deveria ter participado. Como disse o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, em sua palestra: " antes de dar subsídios ao jovem com a finalidade de promover a cultura, é preciso promover a valorização da cultura popular brasileira entre crianças e os jovens, afinal é de público que os artistas precisam".

Danças e expressões populares de todo o Brasil mostraram a diversidade de nossa cultura popular

Alceu Valença foi uma das personalidades que partiparam do evento

issuu-downloader.com